



Análise da programação da TV Cultura: um enfoque sobre a inovação nos formatos televisivos¹

Fábio Silva LADEIRA²
Elza Aparecida Oliveira FILHA³

Resumo

A televisão é um elemento fundamental da vida cultural, social e educativa no Brasil. Ela se constitui ainda no mais poderoso meio de comunicação de massa com uma vasta audiência. A TV pública tem, nesse contexto, um papel importante de difusora de informação e conhecimento, e de meio de acesso à cultura e educação. A TV Cultura de São Paulo criou uma trajetória e consagrou-se enquanto uma TV pública com qualidade de programação, principalmente, com programas infantis educativos e com uma programação cultural. No entanto, ainda há controvérsias sobre a audiência que é direcionada à programação da emissora. Esse artigo se propõe a analisar a programação da TV Cultura SP, através de um enfoque na análise dos novos formatos criados, como consequência da sua liberdade de experimentação devido ao fato de ser uma instituição pública.

Palavras-chave: TV Cultura de São Paulo, gêneros televisivos, televisão, programação.

Introdução

A bibliografia disponível sobre a TV Cultura de São Paulo está em sua maioria dedicada a abordar assuntos relacionados a uma visão histórica institucional. Estes estudos nos permitem compreender o contexto histórico e as lutas de poder que permearam o desenvolvimento da Fundação Padre Anchieta. Principalmente, o livro de Cunha Filho (2009) que relata a história da TV Cultura de São Paulo tendo como “pano de fundo histórico” os depoimentos de ex-funcionários da emissora e sua visão pessoal enquanto narrador e personagem desta história. O livro mostra ainda as lutas que se deram pelo controle da emissora e as tentativas de tirar o seu caráter público.

Laurindo Leal Filho (1988) traçou neste sentido um “panorama histórico” bem mais completo, trazendo análises da instituição e suas relações sócio-históricas. Até mesmo pela sua formação enquanto sociólogo e jornalista, ele consegue propor reflexões acerca das transformações que a emissora sofreu se tornando o modelo que conceitua o que é TV pública no Brasil. Leal Filho foi pioneiro ao realizar um estudo

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, TV e Internet do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Acadêmico do curso de Bacharelado em Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduado em Secretariado pela Universidade Federal do Paraná.

³ Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos.



sociológico sobre a TV Cultura de São Paulo em sua dissertação de mestrado que resultou no livro *Atrás das câmeras: relações entre cultura, Estado e televisão*.

Estes estudos são a base para a nossa compreensão do que levou a TV Cultura a ser referência de TV pública de qualidade no Brasil e no mundo. No entanto, esta bibliografia detém-se muito mais sobre a questão político-administrativa dentro de um contexto histórico, do que à análise dos programas e conteúdos ligados ao “fazer televisivo”, ou seja, à produção e exibição de programas.

Sente-se a ausência de estudos que se detenham mais detalhadamente sobre a análise de sua programação como resultante das possibilidades de experimentação de novos formatos de programa que a TV Cultura tem enquanto instituição pública. É esta lacuna que este artigo pretende preencher, servindo, pelo menos parcialmente, como ponto de partida para a reflexão sobre a programação da TV Cultura como produto de sua liberdade de inovação, que a tornou referência de programação de qualidade.

Antes de iniciar esta análise será necessário traçar aqui alguns entendimentos básicos prévios, como um breve contexto histórico do nascimento da TV Cultura, os formatos e gêneros televisivos, o papel da TV Pública, as relações de TV e poder e, por fim, exemplificaremos com o *case* do programa Roda Viva como um formato inovador de programa jornalístico criado pela TV Cultura de São Paulo.

O Melhor exemplo de TV Pública no Brasil

No Brasil a televisão surgiu do rádio, do qual herdou um modelo comercial de empreendimento, diferentemente de países europeus em que a televisão surgiu do teatro e dos Estados Unidos em que teve origem no cinema. A primeira televisão da América Latina foi a TV Tupi nascida em São Paulo já dentro desta lógica empresarial e de concessões políticas, cheia de privilégios, com os quais consegue alcançar sucesso econômico.

Televisão no Brasil sempre foi sinônimo de empreendimento comercial. Desde a instalação da Tupi em São Paulo, “a pioneira as América Latina”, até hoje, TV e comércio se imbricam de tal forma que abrem espaço apenas para os dividendos políticos recebidos por seus controladores, graças às concessões obtidas do governo, esses grupos empresariais têm acesso privilegiado ao poder, alcançando simultaneamente, e com sucesso, seus objetivos políticos. (LEAL FILHO, 2009, p.323)

A televisão brasileira já nasce dentro desta lógica comercial de controle e de concessões que dificulta um senso crítico do modelo ofertado. Não havia, portanto, uma



maneira de compará-la. Houve registros de várias tentativas de se criar um modelo de televisão pública, algumas sem evidentes sucessos, contudo ainda são insuficientes os registros e estudos das várias tentativas de criação de uma televisão pública nacional.

A TV Cultura de São Paulo é, sem dúvida, o mais bem sucedido exemplo de TV Pública no Brasil. Nascida da iniciativa do Governo do Estado de São Paulo que em 1967 a adquiriu dos Diários e Emissoras Associados. Dentro do desenvolvimento histórico desta emissora é possível relatar momentos em que as lutas políticas pelo seu controle produziram efeitos terríveis em que se pretendeu aumentar a audiência, aproximando-a do modelo de TV comercial para conseguir sustentar seus anunciantes.

Apesar desses momentos de descompasso, a TV Cultura consegue se destacar como referência de programação, sendo reconhecida por grande parte da população paulista, embora não tenha índices de audiência comparáveis aos da TV comercial, ela produziu programas marcantes com qualidade superior a tudo que é produzido pelas emissoras privadas.

As estratégias na elaboração da programação das TVs

As emissoras comerciais são, por natureza, empresas de comunicação, ou seja, dependem do lucro da publicidade para a sua manutenção. Esta dependência em relação aos patrocínios e à publicidade resulta em um jogo de forças que é mediado pela audiência. O poder econômico impõe as regras deste jogo, ou seja, a televisão necessita transmitir momentos de interesse que gerem público para atrair os investimentos publicitários.

A grade de programação das tevês comerciais é, portanto, resultado de uma estratégia que estas criam para alcançar o maior público possível dentro do maior período possível. Para isso, as emissoras apoiam-se em dados como a audiência e pesquisas de interesses. A audiência é um dado quantitativo do público atingido por determinado programa e o tempo de permanência deste público dentro de um período. A audiência passou de ser vista como “público”, como “mercado” e até como “mercadoria”.

Na lógica das emissoras comerciais a programação é uma estratégia de atração do maior índice de audiência possível para comercializar a audiência como “mercadoria”. Ou seja, para os anunciantes o público da TV é um “mercado” para os quais estes podem apresentar suas mercadorias.



Deste modo, a sobrevivência das empresas de comunicação televisiva está atrelada à sua capacidade de atrair os investimentos publicitários. Para isso são criados programas que atraem o máximo de audiência.

(...)são estes programas de grande consumo, dirigidos quase em exclusivo aos estratos sociais de menor poder aquisitivo e de um nível cultural reduzido – o grande público -, que, de um modo geral, preenchem os espaços nobres das diferentes grelhas de programas, públicas e privadas, constituindo a quase totalidade da oferta televisiva dos diferentes canais (CÁDIMA, 1997, p.38).

Os programas das emissoras privadas tendem a seguir uma visão da homogeneidade do público para tentar evitar a perda de potenciais espectadores. Neste tipo de programação existe uma forte tendência ao mimetismo, ou seja, as emissoras procuram imitar as “fórmulas de sucesso” importando formatos de programas que obtiveram altos índices de audiência e crítica positiva, seja em emissoras estrangeiras ou mesmo nacionais. É possível ilustrar este mimetismo através dos *reality shows* que foram formatos de programas que deram certo em vários países e são amplamente copiados aqui no Brasil pelas emissoras de televisão abertas.

Esta tendência a seguir as experiências bem sucedidas de outros canais é reflexo da menor flexibilidade que as emissoras privadas têm em inovar nos formatos e conteúdos de programas, uma vez que não podem se permitir correr tantos riscos em relação à perda da audiência que está atrelada à necessidade de retorno para aos investimentos publicitários. Observa-se então que esta frequente necessidade de manter os índices de audiência é um fator limitante para a inovação em formatos e conteúdos da programação das emissoras de TV privadas.

É importante observar, no entanto, que toda e qualquer televisão, seja ela pública ou privada, ao criar uma programação visa atingir o máximo de público possível. Afinal, o objetivo de uma programação é justamente que ela seja vista, de preferência pelo maior número de pessoas.

A TV pública também precisa de investimentos para a sua manutenção, mas, a diferença crucial a ser observada está justamente no fato de que a TV pública não pode realizar uma programação baseada na estratégia quantitativa de audiência – pelo menos na teoria -, uma vez que a natureza de sua existência está relacionada com o atendimento de necessidades básicas de permitir ao cidadão o acesso à cultura e educação, possibilitando o pleno exercício da cidadania.



A grade de programação da TV Cultura

A grade da programação da TV Cultura de São Paulo provocou, desde sua fundação, inquietações nos críticos de televisão que buscavam compreender a nova proposta. Conforme Leal Filho (1988), a emissora teve várias categorias de propostas de programação: para uns “tratava-se de criar uma televisão para as ‘elites cultas’, com a apresentação de concertos musicais, transmissões de óperas, debates sobre literatura etc.”, enquanto para outros a programação era vista como populista e “surgiu como decorrência dos baixos índices de audiência (...) buscando fórmulas já consagradas na televisão comercial, como as novelas e os programas de auditório”.

A TV Cultura de São Paulo passou por período no qual as questões políticas se sobrepuseram à sua missão de serviço público. Muitos tentaram impor em sua programação uma marca de governo. Contudo, apesar das lutas e das dificuldades históricas, a qualidade técnica e o alto nível dos programas foram marcas que deixaram os profissionais que compuseram o quadro da emissora, cumprindo a missão de mostrar e levar o melhor da nossa cultura ao público, que antes não tinha oportunidade de acesso.

Compreender o cenário histórico de formação da programação da TV Cultura é importante para entender a sua identidade. Contudo, este estudo pretende realizar uma análise com enfoque sobre a atual programação da TV Cultura detendo-se muito mais ao “fazer televisivo” do que propriamente o seu contexto histórico ou administrativo. A questão central é a discussão sobre o conjunto de programas que compõe a grade atual, seus gêneros, formatos e conteúdos. Independentemente das dificuldades históricas que a instituição atravessou desde a sua criação, ela conseguiu imprimir uma marca de qualidade na produção de programas altamente premiados.

A programação da TV Cultura

Antes de começar a análise propriamente dita da programação é importante alicerçarmos os conceitos utilizados para a classificação dos programas. Os conceitos adotados foram retirados do manual do Ministério da Educação (MEC) sobre Televisão, Gêneros e Linguagens (2006). Nele estão presentes os conceitos de programação, gêneros e formatos de programas que serão aqui apresentados.

A análise foi realizada sobre o roteiro de programação da TV Cultura de um dia útil de semana, considerando as suas vinte e quatro horas, em todos os seus editoriais. A



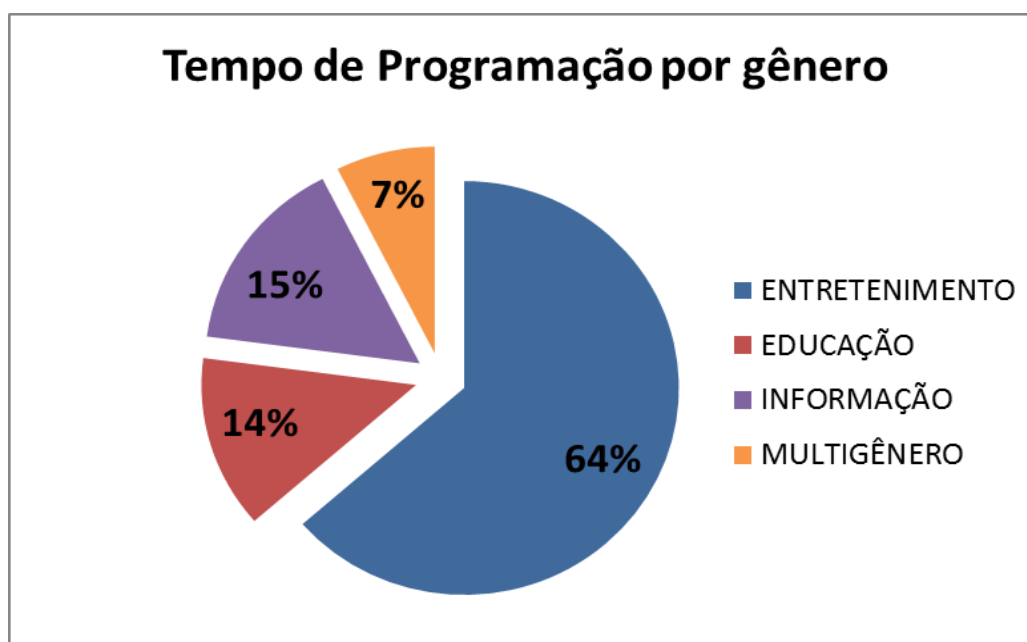
escolha por um dia de semana ocorreu por ser a grade predominante na programação de toda a semana, sofrendo pequenas alterações durante o final de semana. Portanto, esta representa com mais fidelidade à grade de programação utilizada pela emissora na maior parte dos dias. Os programas foram categorizados de acordo com seus gêneros e formatos.

O entendimento de gênero televisivo está ligado à questão da produção do programa e sua estratégia de prender a atenção do telespectador, seu estilo e suas propostas. Estas estratégias seriam, principalmente, entreter, informar e educar. Portanto, os principais gêneros utilizados aqui para categorizar os programas serão Informativos, Educativos, da Publicidade e Novos Gêneros.

Programas de diferentes formatos podem apresentar-se de modo a reunir características de vários gêneros. Assim, tem-se por formato as características de um programa de televisão, a maneira como ele é apresentado, os tipos de quadros. Ou seja, tem relação maior com a sua forma como, por exemplo, programas de auditório, telejornal, filmes, etc.

Assim, procedeu-se à primeira categorização dos gêneros televisivos e, posteriormente, à classificação em formatos. Analisou-se também o gênero televisivo predominante em cada período do dia, considerando as suas 24 horas, sendo divididos em período matutino, vespertino, noturno e madrugada.

Análise quantitativa da programação está baseada em dados coletados no roteiro da programação TV Cultura que foram compilados na tabela abaixo apresentada.



Fonte: Autoral



Análise da Programação da TV Cultura de São Paulo

GÊNERO	FORMATO	TEMPO P/ FORMATO (HORAS)	TEMPO/ FORMATO (MIN.)	%FORMATOS	TEMPO/GÊNERO (HORAS)	%GÊNEROS
ENTRETENIMENTO	FILME	1:14:13	74	5%	14:21:06	64%
	MUSICAL	0:47:44	46	3%		
	DESENHO ANIM.	5:22:34	322	22%		
	INFANTIL	4:45:16	345	24%		
	AUDITÓRIO	0:56:47	57	4%		
	TELEDRAMATURGIA	1:11:11	71	5%		
	HUMORÍSTICO	0:03:21	3	0%		
EDUCAÇÃO	INSTRUTIVO	2:04:24	124	9%	3:15:09	14%
	EDUCATIVO	1:10:45	71	5%		
INFORMAÇÃO	DOCUMENTÁRIO	0:04:19	4	0%	3:43:28	15%
	TELEJORNAL	3:39:09	219	15%		
NOVOS GÊNEROS	MULTIFORMATOS	1:48:32	108	7%	1:48:32	7%
TOTAL		23:08:15	1444,00	100%	23:08:15	100%

INTERVALO

1:47:13

7%

TOTAL C/ INTERVALO

24:55:28

Fonte: Autoral

Entretenimento

O gênero entretenimento ocupa a maior parte da programação da TV Cultura, tendo um percentual de 64% do tempo de programação. Apesar de a principal função deste gênero ser entreter e divertir seu público, os programas de entretenimento da TV Cultura de São Paulo apresentam caráter educativo, abordando temas de interesse geral à população, com assuntos que vão desde saúde até comportamento.

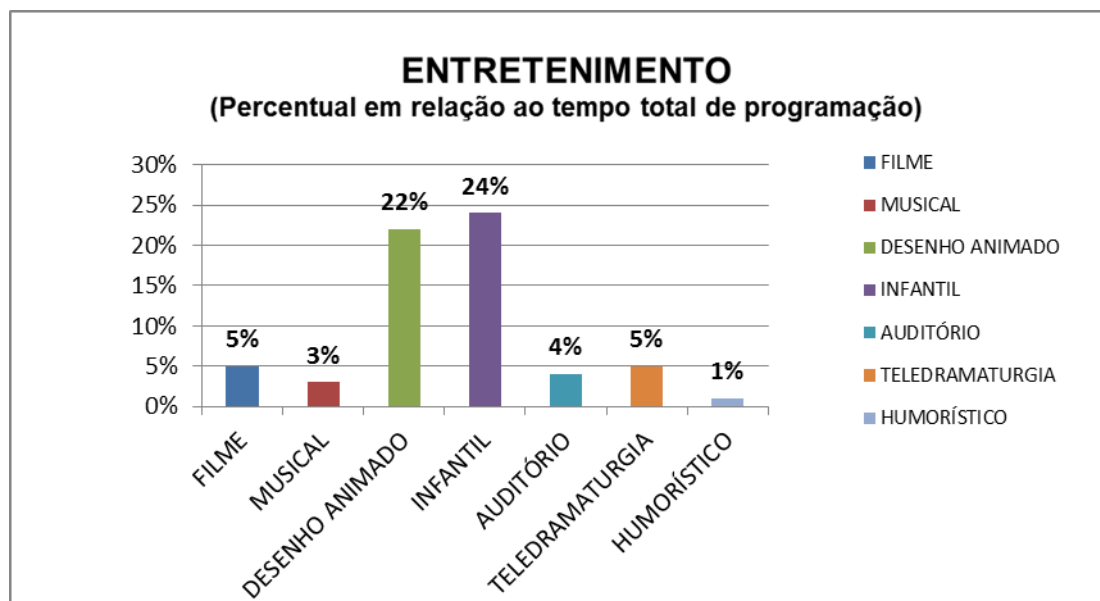
A maior parte deste gênero é ocupada pela programação infantil, com 38% do tempo total. A programação infantil da TV Cultura é um dos principais motivos de sua marca de qualidade. Nela, a TV emplacou programas com índices de audiência jamais repetidos na emissora e que marcaram várias gerações, como é o caso do *Castelo Rá-Tim-Bum*, considerado um dos melhores programas da tevê brasileira. Outro programa infantil que atravessa gerações é *Vila Sésamo*, que foi ao ar pela primeira vez em 1972 e continua sendo exibido com uma nova roupagem.



Desenhos animados representam 35% em relação ao tempo total da programação, sendo o segundo maior gênero da programação. Nesta categoria se observa que os programas são comprados de produtoras estrangeiras. A programação tanto de desenhos animados, quanto de programas infantis é predominante no período matutino e vespertino. Sendo uma programação espelhada, ou seja, que exibe os programas no primeiro turno e reprisa-os no segundo.

Apesar de deter um percentual de apenas 4% da programação deste gênero, os programas de auditório da TV Cultura possuem uma qualidade expressiva, sendo analisados positivamente pela crítica cultural, pois abrem espaços de discussões de temas importantes e polêmicos, que antes da redemocratização do país não eram permitidos. Estes programas têm, no geral, linguagem que prende a atenção do público com variedade de atrações apresentadas com alegria, vigor e dinâmica. Um dos precursores deste tipo de programa na TV Cultura foi Serginho Groisman que comandava o *Matéria Prima* no qual criou um espaço para que os jovens discutissem suas ideias e trouxe grandes nomes da música brasileira para apresentações e entrevistas.

O restante da programação de entretenimento tem um tempo percentual menos expressivo, sendo composta em 5% de filmes, 5% de teledramaturgia, 3% de musical e 4% de programas de auditório. O gênero humorístico aparece com a menos expressão sendo menor que um por cento do tempo de programação.



Fonte: Autoral



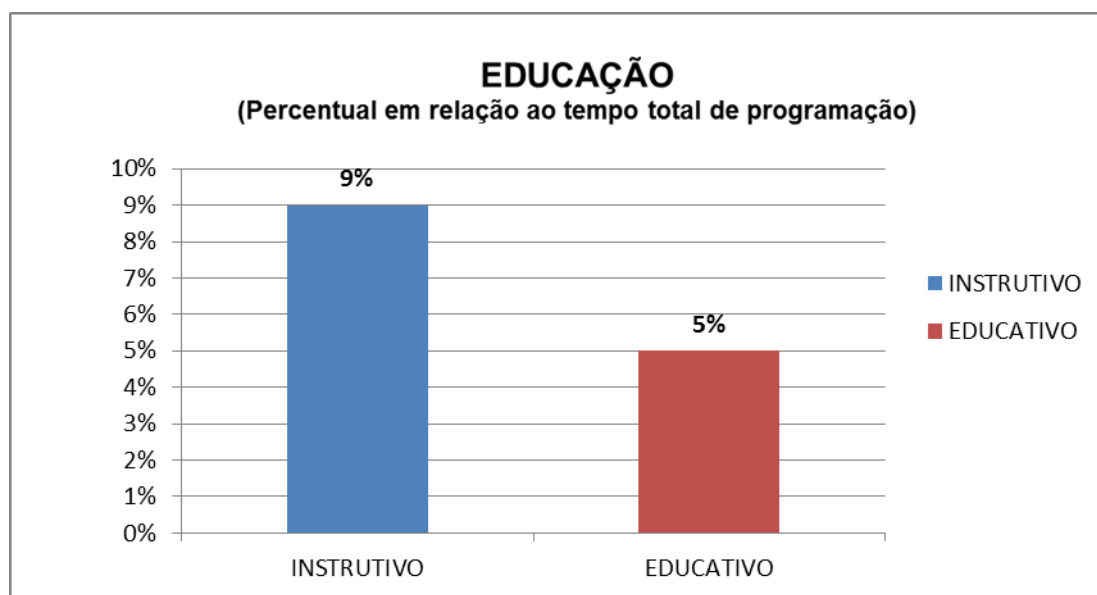
Educativo

A educação é um compromisso fundamental ligado à própria natureza da TV Cultura, enquanto TV educativa. Mas o que classifica um programa dentro do gênero educativo está relacionado, principalmente, com o seu formato e estilo de apresentação. Segundo a análise realizada, o gênero educativo tem o terceiro maior tempo dentro da programação da TV Cultura, representando 13,50% do tempo total de programação.

Dentro deste gênero estão os formatos instrutivo e educativo. O instrutivo é um formato de educação ligado a uma formação, ou seja, uma sequência lógica de conteúdos, exposta de maneira organizada e com um método. Este formato ocupa 8,5 por cento da programação total. Os principais programas relacionados nesta categoria são: *Telecurso*, *Nossa Língua Portuguesa*, *Inglês com Música*.

A TV Cultura foi uma das precursoras no modelo educacional à distância, o *Telecurso 2000* foi um dos primeiros programas educacionais à distância, destinado a jovens e adultos que queriam cursar o ensino médio e fundamental, sendo assim uma inovadora na área educacional.

O programa educativo é aquele produzido com uma intencionalidade educativa, sem, contudo, apresentar este conteúdo em formato de aula ou semelhante. É uma categoria de programas de linguagem educacional indireta, ou seja, que transmite o conhecimento de maneira menos formal, como os *Caçadores de Mitos* que procuram provar ou desmentir afirmações presentes no pensamento popular por meio de experiências científicas. Esta categoria ocupa 36% do tempo de programação deste gênero.



Fonte: Autoral



Informação

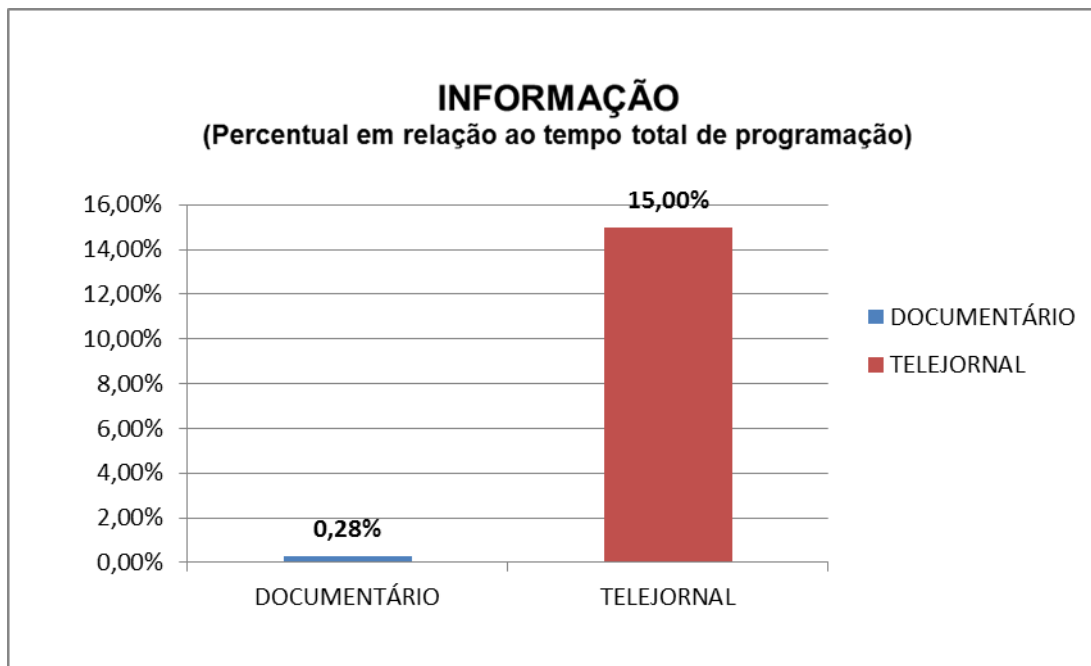
O gênero informação ocupa o segundo maior espaço da programação analisada, o que equivale a 15,44% do tempo. Este gênero está subdividido em documentário, que ocupa menos de 1% da grade total, e telejornalismo que ocupa 15% da programação. Como na maioria das emissoras, os telejornais estão distribuídos nos intervalos entre os períodos da manhã e tarde, e entre o período noturno e da madrugada.

Dentro deste gênero é possível observar que a TV Cultura é referência na inovação de formatos de programas informativos. Entre eles destaca-se o programa *Roda Viva* que surgiu alguns anos após o período da ditadura militar para servir como espaço de debates aprofundados de temas relacionados à política, questões morais e outros assuntos que não tinham espaço na tevê, sobretudo nas emissoras comerciais.

A inovação do programa está presente desde o seu cenário, essencialmente diferente dos programas de entrevistas comuns. No *Roda Viva*, o entrevistado fica no centro de um círculo formado por seus entrevistadores, que estão numa posição mais alta. O entrevistado ocupa uma cadeira giratória e vira-se para o jornalista que fará a pergunta. As câmeras estão dispostas nos 360° do estúdio, de modo que o entrevistado está sempre virado de frente para uma delas, não havendo preocupação com posicionamento no estúdio, reforçando a ideia de uma conversa informal.

Além disso, mesmo nos formatos tradicionais de telejornal observa-se uma diferenciação através do conteúdo proposto e das diferentes interpretações de uma mesma realidade. Apesar das disputas e imposições históricas que ocorreram pelo controle da TV Cultura, ainda é possível perceber que em seu jornalismo ocorreram alguns sinais de resistência a esta tentativa de dominação, mesmo que não plenamente.

Os temas abordados nos jornais da TV Cultura e os comentários dos jornalistas permitem ao espectador ter uma análise um pouco mais profunda dos fatos retratados, formando uma atitude mais analítica e crítica.



Fonte: Autoral

Multiformatos

Dentro da análise da programação houve dificuldade na categorização de alguns programas por apresentarem características de gêneros e formatos variáveis, não se enquadrando dentro de nenhum dos formatos determinados pela proposta de classificação aqui adotada. Este tipo de programação ocupa o equivalente a 7,48% do tempo total, o que representa um número expressivo de programas que apresentam novos estilos da produção televisiva.

Dentre os programas multiformatos estão o *Mobile* que apresenta questões relacionadas à cultura em diversos formatos como dança, teatro, artes plásticas, gráficas e música. O *Metrópolis* traz temas relacionadas à arte urbana em diversos formatos como entrevista, clipes, documentários, entre outros.

Os programas deste formato apresentam a cada edição uma forma de apresentação, ou seja, em alguns momentos são programas de auditório, em outros são entrevistas e, em outro, documentários. Essa dinâmica é uma característica marcante da TV Cultura que arrisca propor formas inovadoras e, por vezes, surpreendentes de apresentação de conteúdo.



Considerações Finais

A TV pública possui um papel importante para a cidadania, permitindo o acesso à cultura e educação. Sua atividade fundamental está ligada à disseminação de valores e da cultura brasileira. Essa responsabilidade está associada à sua relativa independência em relação aos investimentos publicitários.

Nesta perspectiva, a TV Cultura de São Paulo vem desempenhando seu papel enquanto TV pública, sendo reconhecida pela sua qualidade de programação. Um reconhecimento disso foi o prêmio de segunda melhor TV no mundo, ficando atrás apenas da BBC de Londres. Seus programas estão, majoritariamente, voltados para a educação, difundindo de valores fundamentais ao exercício da cidadania.

Através da análise quantitativa da programação é possível perceber a ausência do gênero publicitário. Os intervalos de programação são pouco representativos dentro da grade, somando um total de apenas 7% do tempo. Estes intervalos estão em sua maioria dedicados à divulgação da sua própria programação ou ligados à propaganda institucional de parceiros e emissoras da Fundação Padre Anchieta.

A TV Cultura dedica a maior parte do seu período matutino e vespertino ao público infantil, tendo mais de 60% da programação relacionada ao gênero entretenimento. Contudo, observa-se que o objetivo de dedicar-se à educação está presente mesmo nos programas que não estão classificados propriamente dentro do gênero informativo/educativo.

A inovação de formatos televisivos está presente na TV Cultura como resultado da possibilidade de arriscar sua audiência enquanto TV pública que não necessita diretamente de investimentos publicitários para sua manutenção. Assim pode-se permitir a experimentação de formatos que ainda não são consagrados pelas tevês comerciais. A emissora exibe uma programação de qualidade em conteúdo e técnica, os programas são interativos e com uma diversidade de temas que valorizam a cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância. **Debate: Televisão, Gêneros e Linguagens**. Rio de Janeiro, 2006. 61p.

CÁDIMA, Francisco Rui. **Estratégias e Discursos da Publicidade**. Lisboa: Vega, 1997.

CARRATO, Ângela. A TV Pública e seus Inimigos. Texto apresentado no V ENLEPICC (Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura) em 9-11 de



novembro de 2005. HINGST, Bruno. Uma Visão Histórica da Televisão no Brasil. In: Líbero, ano 7, n. 13/14, 2004 (p. 24 – 39)

CUNHA LIMA, Jorge da. **Uma história da TV Cultura**. São Paulo: Imesp, 2009.

FAXINA, Elson. Do mercado à cidadania: o desafio das transformações dos sujeitos discursivos, das institucionalidades e das narrativas jornalísticas na TV pública brasileira / por Elson Faxina. -- São Leopoldo, 2012.

FERNANDES, Ana Paula. Televisão do público: um estudo sobre a realidade portuguesa. *Sociologia, problemas e práticas*, nº32, 2000, p.117-145.

LEAL FILHO, Laurindo. TV, um poder sem controle. *Comunicação & Educação*, São Paulo, [16]: 75 a 80, set./dez. 1999.

LEAL FILHO, Laurindo. **A Melhor TV do mundo**. São Paulo: Summus, 1997.

LEAL FILHO, Laurindo. **Atrás das câmeras: relação entre cultura, Estado e televisão**. São Paulo: Summus, 1988.

LEAL FILHO, Laurindo. Percalços da TV pública: o caso da TV Cultura. *Estud. av.* [online]. 2009, vol.23, n.67, pp. 323-327.

Programação da TV Cultura. Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/grade>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

Fundação Padre Anchieta. Disponível em <<http://www2.tvcultura.com.br/fpa/>>. Acesso em 22 de fevereiro de 2015.